

Religião e migração, identidade, sociabilidade e preconceitos, crises e políticas migratórias são temas abordados nesta edição de Travessia. Dentre os textos consta um dossiê “Religião e Migração”, que nos leva a mergulhar fundo nas memórias de imigrantes, trazendo à superfície questões sobre conflitos étnicos, relações de gênero, religiosidade, que ocupam um lugar chave na compreensão de dinâmicas de reorganização e reelaboração de identidades nos processos migratórios.

O texto que abre o dossiê recupera aspectos da memória social do genocídio do povo armênio, provocado pelo então Império Otomano, e que completa 100 anos em 2015. *Sonia Maria de Freitas* aborda aspectos dessa tragédia com enfoque na diáspora armênia. Ela mergulha na memória dos imigrantes e reconstrói elementos da história social dessa diáspora no contexto do genocídio. Sonia Freitas aponta para os costumes e religiosidade, como elementos de reorganização social e depositários da identidade dos armênios como grupo étnico no Brasil, especialmente em São Paulo.

Ethel V. Kosminsky aborda as relações de gênero entre imigrantes judeus, em São Paulo, a partir de ótica masculina. Ela revela distintas percepções das relações de gênero, considerando a posição social, a faixa etária e religiosidade dos imigrantes. Confirma certas semelhanças nas relações de gênero entre os judeus de classe média e média alta com famílias brasileiras de igual classe social. A partir das análises, Ethel aponta que “o masculino não é único”. Também chama a atenção para a permanente reelaboração da identidade étnica através de casamentos mistos, da incorporação de novos membros ao grupo, e das práticas religiosas.

Samara Konno completa o dossiê refletindo sobre o “culto aos antepassados okinawanos”, que evidencia dicotomias na construção da identidade okinawana japonesa no Brasil. Ela indica conexões entre o *sosen suuhai* – um culto aos antepassados – e a organização de instituições como família, comunidade, identidade e memória. Samara mostra que as dicotomias entre o culto okinawano e a hierarquia do culto japonês são “estratégicas na demarcação étnica” e na ressignificação de sua identidade no Brasil.

Os demais textos, a despeito de não comporem dossiê, dialogam entre si e permitem traçar análises articuladas entre políticas migratórias nacionais, transnacionais e identidade. Abordam sobre questões vitais na sociabilidade de um grupo ou comunidade, mas articulando-as com problemáticas mais abrangentes, como crises econômicas, sociais e políticas migratórias. É assim que *Heike Drotbohm* enfoca as dificuldades de (re) adaptação de migrantes cabo-verdianos deportados num contexto

em que a migração é percebida como um rito de passagem fundamental para o alcance de valores e prestígio social em Cabo Verde. Ela propõe uma abordagem sobre os significados sociais, econômicos e culturais dessa emigração e da deportação. Como ocorre ou não ocorre a (re) inserção dos deportados em Cabo Verde, considerando que o retorno involuntário representa fracasso no cumprimento daquele “rito”? Heike observa que a deportação engendra conflitos na sociabilidade local, ameaças de ruptura do rito e dificuldades de adaptação dos deportados em relação ao lugar a que eles pertencem, mas que não é vivido como sendo seu.

Maria Zenaide Alves nos convida a uma mirada sobre alguns fatores de exclusão de crianças filhas de migrantes no espaço escolar. Seu ponto de partida é a diversidade étnica e cultural, presentes nas escolas, como um reflexo dos movimentos migratórios. Ela enriquece o seu olhar participante com a discussão dos conceitos de “inclusão” e “exclusão” e sua relação com as pessoas em migração. Destaca ainda os “lugares” de exclusão que afetam as crianças de imigrantes na escola, e a proposta de “educação sem fronteiras” como um caminho de acesso à cidadania e justiça social.

Nilton Cezar Pereira Pinto apresenta precioso fragmento de um retrato da migração interna na Europa e para outros países. Seu foco é a “nova emigração espanhola” para a Alemanha, Suíça, e Brasil, no contexto da crise econômica de 2009. Trata-se de interessante reflexão sobre esses “retirantes às avessas”, para lembrar João Cabral de Melo Neto, em um processo histórico no qual a Europa, contraditoriamente, se evidencia como região de atração/repulsão de migrantes.

Elizabeth Ruano e Tuíla Botega apresentam uma síntese sobre as etapas da Conferência Nacional de Migração e Refúgio (COMIGRAR) realizadas no Distrito Federal-DF. A partir da observação participante e do exame de conceitos como “participação” e “representação”, elas compõem um painel de metodologias, discussões, critérios de participação e representação. Observam que a imigração, existente de fato, mas pouco perceptível no DF, ganha evidência social a partir da COMIGRAR, cujo objetivo central era produzir subsídios à elaboração de uma nova política migratória brasileira.

E Sidnei M. Dornelas completa o número com uma resenha do livro “La Diaspora Haïtienne” de Cédric Audebert. Trata-se de uma profunda abordagem sobre a imigração haitiana em vários países, inclusive o Brasil, mostrando que a mesma se vincula a precária estrutura política e social do Haiti, e está longe de se fixar em uma região. Ela se organiza em redes dinâmicas constituindo vários territórios.

A todos boa leitura!

José Carlos Pereira